




CAPÍTULO 9

Uma cartografia imagética dos corpos na educação infantil a partir de produções de imagens realizadas por crianças

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.260132620029>

Maria Clara dos Santos Rodrigues

RESUMO: O trabalho propõe uma investigação sobre a infância na educação infantil por meio da análise de imagens produzidas por crianças. A pesquisa, vinculada ao Grupo IM@GO, rompe com a lógica tradicional positivista e adota uma abordagem experiencial e imagética, valorizando o olhar infantil como linguagem e potência. A partir das imagens captadas pelas próprias crianças, o estudo discute como elas expressam sentimentos, percepções e vivências que desafiam a adultização da infância. Utilizando conceitos filosóficos de tempo Khrónos (tempo cronológico), Kairós (tempo vivido e oportuno) e Aión (tempo eterno e indeterminado) o trabalho reflete sobre como a infância se constitui como uma experiência existencial, e não apenas uma fase da vida. A metodologia combina revisão bibliográfica com análise de repertório imagético, buscando compreender como as imagens atravessam os corpos e revelam dimensões subjetivas da infância. A conclusão aponta para a necessidade de desterritorializar a infância, reconhecendo-a como território de liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: infância; corpo; tempo

INTRODUÇÃO

O atravessamento de uma infância em um corpo dominado pela adultez. Um movimento que se compõe através das imagens produzidas por crianças. Esta é uma das composições de trabalho desenvolvidas pelo Grupo IM@GO. Diante dessas reflexões, alguns questionamentos surgem: O que pode um corpo infantil? Quem se infantiliza? O que é um tempo? Existe um tempo da criança? E um tempo da infância?

Desenvolver pesquisas que questionem e experimentem um caminho outro, que rompe com a lógica positivista de pesquisa e abraça um modo diferente de investigar. Essas concepções são algumas características das pesquisas que envolvem o grupo IM@GO. Essas pesquisas são representadas em experiências, que são vividas por crianças e adultos.

Por conta disso, entendemos que as imagens falam por si mesmas: fazem parte de um corpo-criança que extrapola as lentes de câmeras, filmadoras e tablets, e se conecta, de forma rizomática, ao corpo daqueles e daquelas que as observam. Esses objetos imagéticos se tornam parte de um corpo vivo, composto por células, órgãos, átomos e tantas outras estruturas humanas. A imagem e a máquina são dominadas por crianças e preenchidas com infâncias que moldam e ressignificam seu conceito inicial. A infância, nesse contexto, transforma uma imagem em linguagem que vai além da visão das crianças. Entre o corpo, imagem e infância revela uma nova forma de olhar para eles que mostram os olhos que ainda não foram “adultizados”.

Essas imagens podem produzir diversos afetos durante a conexão entre observador/a e imagem. Elas podem promover pensamentos que já vêm sendo constituídos ao longo do tempo, caminhando conosco e se tornando parte da nossa essência. Ficamos conectados ao observar essas imagens, nos apresentando o significado do que aquela criança tinha de intenção naquele segundo que levou à captura da imagem.

As imagens nos transportam também para lugares inimagináveis, atravessando nossos corpos e permitindo uma (re)conexão com as nossas infâncias. Para pensarmos sobre as diversas infâncias, é importante entendermos que a palavra infância deriva de *infans* (*in = negação; fans = fala/razão*). Para compreensão dessa palavra cuja etimologia remete à ideia de “não razão” e “não fala”, podemos refletir sobre o lugar destinado a esses sujeitos historicamente infantilizados. As crianças, que vivem suas infâncias completamente, muitas vezes não são reconhecidas como sujeitos sociais de direito e de ação; ao contrário, permanecem à margem de um olhar adulto que tende a silenciá-las. No entanto, é precisamente nesse encontro no atravessamento que produzem nos adultos que com elas se relacionam que emergem potências capazes de deslocar certezas e instaurar novas formas de pensar e existir no mundo.

Este trabalho pretende aprofundar-se em temáticas já conhecidas e debatidas nos campos da filosofia, da educação infantil e do cinema, bem como dar continuidade ao olhar do Grupo Imago sobre as infâncias, as imagens e sua reverberação nos espaços ocupados por aqueles e aquelas que se apropriam da infância como forma de reger a vida.

Para caminharmos nas reflexões que desenvolvemos acerca das temáticas de infância, tempo, espaço e imagens produzidas por crianças, é necessário discutirmos algumas formas diferentes de olhar para o tempo que é um dos pontos que movem as mais diversas infâncias para lugares que fissuram com as lógicas adultas de pensar a sociedade.

Agambem (2005a, p112) nos ensina que toda concepção de tempo é sempre acompanhada de uma certa experiência de tempo que lhe é implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz. Entendemos que, a partir dessa reflexão, o tempo não é apenas uma medida, mas, sim, uma vivência. Então, se infância e tempo estão conectados, é possível enxergarmos que infância é uma das condições de viver de um sujeito, portanto, uma condição de existência e não uma etapa temporal da vida.

Desse modo, tentaremos traçar um paralelo com algumas ideias de tempo que caminham com a história do ocidente desde a Grécia antiga. Usaremos três delas para nos ajudar a refletir sobre a infância: Khrónos, o tempo cronológico e sequencial, que rege os relógios, os calendários e a produtividade. Mede-se em minutos, horas, dias; Kairós o tempo oportuno, qualitativo, concentrado em instantes plenos de sentido. Não se mede; vive-se e Aión, o tempo da eternidade, mas também indeterminado. Pode significar a vida inteira de uma pessoa.

Kohan (2020) nos apresenta essas três formas de temporalidade, constituídas pelos gregos: Kairós, Aión e Khrónos. Ele afirma:

“Khrónos é um tempo adulto: o tempo do sistema educativo, das instituições educacionais, da organização do trabalho pedagógico. Tudo o que acontece nas escolas contemporâneas é regido por Khrónos: os níveis de ensino, as planificações docentes, a sequência curricular... E a importância de Khrónos para a vida social é uma das principais coisas que ensina a instituição escolar, desde a creche até a universidade: as crianças entram nas creches no seu tempo aiônico e saem adultos adequadamente cronologicados.” (KOHAN, 2020, p. 07)

Ainda, Deleuze nos traz uma concepção interessante sobre Khrónos:

“De acordo com Cronos, só o presente existe no tempo. Passado, presente e futuro não são três dimensões do tempo; só o presente preenche o tempo, o passado e o futuro são duas dimensões relativas ao presente no tempo.” (DELEUZE, 2007, p. 167)

Na lógica do Khrónos, as crianças estão constantemente ocupadas, sempre fazendo algo, sempre controladas pela exigência da hora, da contagem desse tempo. Vivem sob a pressão de aproveitar o tempo de forma produtiva, o que acaba por esvaziar a função essencial de simplesmente *ser criança*.

A infância, nesse contexto, aproxima-se do tempo de Kairós. Como diz Leite (p.116), “a infância parece ser para nós como esse tempo curto e intenso, mas

também como tempo presente que nos deixa abertura e espera”. É um tempo vivido, não cronológico.

Neste trabalho utilizamos três tempos: Khrónos, Kairós e Aión. Na Grécia Antiga, diferentes noções de tempo foram concebidas e nomeadas de maneiras distintas, revelando a complexidade com que os gregos pensavam a existência. Khrónos aparece já em Hesíodo e em filósofos clássicos, representando o tempo linear e cronológico, aquele que pode ser medido, contado e dividido em dias, meses e anos. É o tempo sucessivo, responsável pelo envelhecimento e pela passagem das estações, ligado ao movimento dos astros e à ordem do calendário. Em tradições órficas, Khrónos chegou a ser concebido como uma divindade primordial que gerava o cosmos, associando-se à ideia de duração contínua e inevitável. Diferente dele, surge Kairós, termo usado por poetas como Píndaro e explorado por filósofos como Platão e Aristóteles, que remete ao momento oportuno, ao instante qualitativo em que algo significativo acontece. Enquanto Khrónos é quantidade, Kairós é intensidade, representando a ocasião propícia que exige decisão e ação no tempo certo. Já Aión, termo ainda mais arcaico, utilizado por pensadores como Heráclito, Parmênides e mais tarde por Platão e pelos neoplatônicos, designa o tempo eterno, ilimitado, vital, que não se mede pelo relógio ou pelo calendário, mas que se relaciona com a própria duração da vida e com a eternidade do ser. Assim, enquanto Khrónos traduz a linearidade do tempo mensurável, Kairós revela a intensidade do instante oportuno, e Aión expressa a permanência da eternidade, compondo três dimensões fundamentais da experiência temporal na filosofia grega.

A espera, vinda do latim *spera*, carrega esperança e expectativa. Não significa aguardar passivamente, mas manter-se disponível ao novo, ao que pode surgir. É uma atitude temporal profundamente ligada à infância que vive o presente e aponta para o futuro. No brincar por exemplo elas não estão preocupadas com o final estão preocupadas do que vão brincar. Deixar elas aproveitarem o presente, não ficar no passado e pensar muito no futuro. Não antecipar o que pode aparecer para a criança no futuro deixar elas encontrarem o caminho claro que com alguns apontamentos.

Pensar o tempo é, assim, pensar a infância não como uma fase a ser superada, mas como uma experiência que nos ensina a viver o presente com intensidade e abertura. A criança não está apenas “a caminho” de algo: ela é o próprio caminho, o próprio tempo vivido. Talvez, seja nesse tempo de Kairós que se encontre a essência da infância. As crianças quebram as barreiras do desenvolvimento humano que ela só serve para ser algo útil, mas as crianças são muito mais que isso, elas vivem o presente. Aproveitam o mundo não com metas, mas com descobertas. Que cada vez mais a vida dessas crianças estão cada vez mais cronometradas não tem um tempo para se tornar crianças tem sempre que ser proativo depois de ter que ir pra escola.

Buscamos, portanto, construir narrativas que articulem as pesquisas do Grupo Imago — desde 2010 — com as imagens produzidas pelas crianças e com a forma como elas nos afetam. Estejam todos e todas convidados a caminhar conosco nessa aventura de gritos, risadas, choros, babas, narizes sujos e abraços.

OBJETIVO

Este trabalho tem o objetivo de analisar imagens feitas por crianças. Utilizando os registros fotográficos, em plano sequência, capturando os movimentos e podemos analisar um novo jeito de analisar essas imagens. As crianças têm a liberdade para fotografar o que quiserem, sem orientações de um adulto. E a partir da análise o que as imagens trazem de sentimentos.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi organizada em blocos, contemplando duas etapas principais: a primeira consistiu em uma revisão bibliográfica, com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa; a segunda correspondeu à análise de um repertório imagético.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho traz uma reflexão sobre a infância em relação ao tempo de como ela está se constituindo. Este tempo é uma etapa muito importante que tem uma construção de experiências. E como os adultos têm uma relação com esse tempo de como podemos analisar a adultização com crianças. A pesquisa relaciona a infância como subjetividade, e analisa as variedades temporais. E como as imagens se relacionam com o tempo e como elas nos atravessam.

DESENVOLVIMENTO

Análise de imagens em conflito de tempo de Kronos, Kairos e Aion, infância e movimento.

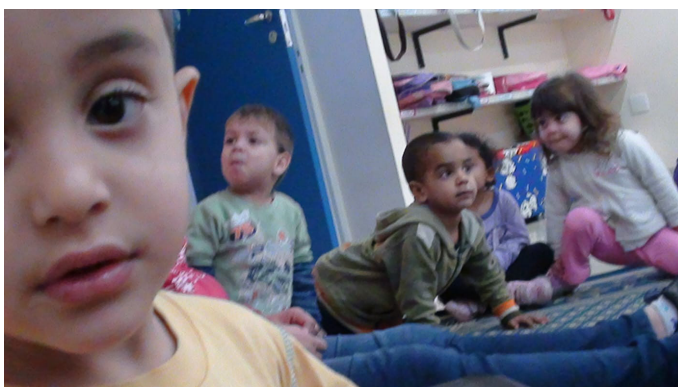
O percurso percorrido ao longo desta pesquisa, me levou ao acervo do grupo imago, onde pude ter contato com teorias, imagens, infâncias e multiplicidades. Todo esse caminho, carrega consigo não só as práticas de pesquisa, mas também a experiência vivida por aquelas e aqueles que passaram pelo grupo ao longo do tempo. Hoje nós fizemos parte dessa pesquisa e, por conta disso, fizemos uma seleção de imagens que nos tocaram de diversas formas. E para refletir essas imagens surgiram algumas perguntas após as escolhas das imagens Porque essas imagens? Como ela te afeta? Que sensações causam?. Essas imagens foram escolhidas quais não deram

a sensação de aflição, ou era só uma foto de uma parede. Por incrível que pareça essas imagens me causam tranquilidade. Uma reflexão de como uma saudade da infância que a preocupação era outra como brincar e nessa fase adulta é diferente.



(fonte: acervo do grupo imago)

Olhando essa imagem podemos ver um além, um infinito, um olhar de uma criança traz uma sinceridade, puro, que não foi afetado pela adultização de ter que seguir um padrão social. Ultimamente o que mais precisamos é que nesse atual momento que vivemos com muita tecnologia cada vez menos utilizamos o olho a olho. Também traz uma aflição de um olhar fixo parece que alguém está nos observando, mas podemos fazer uma reflexão para a alma para o interior no que podemos perceber se precisamos de uma mudança. Em conexão com o tempo Aión que o seu tempo fala sobre a eternidade, mas também é indeterminado mesmo que crescemos sempre vamos ter um olhar infantil sempre temos um reflexo de quem éramos, quem somos e quem queremos nos tornar.



(fonte: acervo do grupo imago)

Nesta imagem podemos observar que as crianças estão sendo elas, fazendo os movimentos que fazem no seu dia a dia. Eles parecem estar bem à vontade no momento que essa foto foi tirada. Podemos analisar alguns movimentos: braço, pé, boca, olho, joelho e mão. Interligando com o tempo que podemos refletir sobre o Kairós que ele é referido como um tempo oportuno, significa aquele momento como um retrato para uma memória naquela hora foi muito importante as imagens valem mais do que as palavras elas trazem um sentimento maior que podemos olhar. Um sentimento que traz a sensação que as pessoas podem ser elas nesse espaço antes que elas precisem “formatar” seguir o padrão social o que é visto como bom aos olhos da sociedade.



(fonte: acervo do grupo imago)

Observando essa imagem também podemos pensar que ela está sendo registrada parece uma lembrança registrada daquele momento só aquele instante importante como diz o tempo de Kairós que é o tempo do momento, mas também o tempo de Khrónos que o tempo cronológico uma frase veio na minha mente “O pra sempre, sempre acaba” que essa imagem vai ficar na lembrança que esse momento vai ficar além do momento. Podemos analisar alguns movimentos como mão, pescoço.

CONCLUSÃO

O que podemos concluir de um texto infância? De uma pesquisa que é atravessada pela experiência e pela vivência? Como somos afetados pelas imagens e pelos conceitos que atravessam a lógica produtivista de uma pesquisa?

Concluir sobre algo é encerrá-lo, é dizer que existe finitude naquilo que está sendo escrito, questionado e pesquisado. Trazer uma certeza, é colonizar a infância

e dizer como ela deve agir. A proposta deste trabalho não é de colonizar, mas sim de desterritorializar a infância, de deslocá-la para um lugar outro, como nos ensinam Chisté e Leite:

É preciso transver a infância, a criança. É preciso um deslocamento sensível e vê-las de outro lugar. Do lugar que rompe com a 'adulterez' que, fruto da modernidade, se vê, tão somente, imaturidade, incompletude, dependência. É preciso olhá-las do lugar da infância, da criança, reconhecer-se como infantes, como seres inacabados. (Leite e Chisté, 2015, p.273)

Concluir, portanto, é também reconhecer que a infância não se encerra em definições rígidas ou em cronogramas escolares. Ela pulsa nas imagens, nos gestos, nos tempos vividos e sentidos pelas crianças e por nós, quando nos permitimos ser atravessados por elas. Este trabalho não busca respostas definitivas, mas sim abrir brechas, escavar sentidos, provocar deslocamentos.

As imagens produzidas pelas crianças, longe de serem meros registros, tornam-se testemunhos de uma existência que resiste à adultização e à lógica da produtividade. Elas nos convidam a desacelerar, a olhar com outros olhos, a escutar com outros ouvidos. Revelam que a infância é potência, é linguagem, é tempo vivido seja ele Kairós, Aión ou Khrónos.

Ao caminhar com o Grupo Imago e com as crianças que compõem este percurso, aprendemos que pesquisar é também brincar, sentir, experimentar. E que talvez o maior gesto político e pedagógico seja reconhecer a infância como território de liberdade, de criação e de existência plena.

Que este trabalho seja, então, mais um passo nesse movimento de transver, de desterritorializar, de acolher o tempo da infância como tempo nosso um tempo que não se mede, mas se vive.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. Mil Platôs Volume 4. Editora 34. SP, 2012

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020

LEITE, César Donizetti Pereira. Infância, experiência e tempo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831959.

Leite, C. D. P., & Oliveira, L. P. de. (2019). Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos. *Revista Digital Do LAV*, 12(3), 153–171. <https://doi.org/10.5902/1983734840617>

Masschelein, J. (2008). E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, 33(1). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685>

OLIVEIRA, Guilherme Rodrigues de. *Tempo x infância: a massificação da educação e a constituição de indivíduos padronizados*. 2022.